

ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA DE KAREN BACHINI E REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES A PARTIR DO MERCADO DE COSMÉTICOS



A critical discourse analysis of Karen Bachini and reflections on teacher education through the lens of the cosmetics market



Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 31/03/2025
 Aprovação do trabalho: 01/07/2025
 Publicação do trabalho: 16/11/2025

Eloiny Ptrá Brasil Lazame Da Nobrega  

eloinelazame@gmail.com

Universidade Federal do Amapá (Unifap)

Henan dos Santos Nery  

henansnery@gmail.com

Universidade Federal do Amapá (Unifap)

COMO CITAR

NÓBREGA, Eloiny; NERY, Henan. ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA DE KAREN BACHINI E REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES A PARTIR DO MERCADO DE COSMÉTICOS. *Revista Letras Escreve*. v. 16, n. 1, p. 13-24. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1096>.

Resumo

Neste estudo, buscamos investigar as práticas de insurgência racial no mercado de cosméticos, tomando como base o discurso de Karen Bachini em seu vídeo “Carta aberta para a Mari Saad e Mascavo”. No contexto atual, onde discussões sobre racismo estrutural e representatividade são cada vez mais centrais, a exclusão de pessoas pretas, especialmente de pele retinta, em produtos de beleza revela uma problemática social e cultural significativa. Ao refletir sobre essa exclusão, propomos expandir a análise para a formação de professores, considerando como a invisibilização de grupos racializados pode ser uma prática recorrente em diversas esferas, inclusive na educação. Para a fundamentação teórica, recorremos às discussões sobre representações sociais de Moscovici (1979) e aos Estudos Críticos do Discurso, com ênfase na Análise do Discurso Crítica da vertente britânica (Fairclough, 1989, 1995, 1997, 2003), especialmente no que diz respeito aos três tipos de significados: acional, representacional e identificacional. Como resultado, o estudo visa contribuir para o debate sobre inclusão racial e propor reflexões sobre como o campo educacional pode adotar uma postura crítica e decolonial em relação às suas práticas, de modo a formar professores comprometidos com uma educação verdadeiramente plural e inclusiva.

Palavras-Chave: inclusão racial; decolonialidade; análise do discurso crítica; formação de professores.

Abstract

In this study, we aim to investigate practices of racial insurgency in the cosmetics market, using Karen Bachini’s discourse in her video “Open Letter to Mari Saad and Mascavo” as a reference point. In the current context, where discussions about structural racism and representation have become increasingly central, the exclusion of Black individuals—particularly those with darker skin tones—from beauty products reveals a significant social and cultural issue. By reflecting on this exclusion, we propose to expand the analysis to teacher education, considering how the invisibilization of racialized groups can be a recurring practice across various spheres, including education. For the theoretical framework, we draw on Moscovici’s (1979) discussions on social representations and Critical Discourse Studies, with an emphasis on the British tradition of Critical Discourse Analysis (Fairclough, 1989, 1995, 1997, 2003), particularly regarding the three types of meaning: actional, representational, and identificational. As a result, this study seeks to contribute to the debate on racial inclusion and offer reflections on how the educational field can adopt a critical and decolonial stance toward its practices, with the goal of preparing teachers committed to a truly pluralistic and inclusive education.

Key words: racial inclusion; decoloniality; critical discourse analysis; teacher education.

Introdução

As discussões sobre racismo estrutural e representatividade têm se tornado cada vez mais centrais no cenário contemporâneo, evidenciando questões que permeiam e impactam diversas esferas sociais, como o mercado de cosméticos e a educação. Neste contexto, este estudo propõe investigar as práticas de inclusão racial no setor de beleza, tomando como base o discurso de Karen Bachini em seu vídeo intitulado "Carta aberta para a Mari Saad e Mascavo", publicado em seu canal no YouTube no dia 02 de novembro de 2024.

A análise parte do reconhecimento da exclusão histórica de pessoas pretas, especialmente aquelas de pele retinta, uma realidade que reflete problemáticas sociais e culturais profundamente enraizadas. Essa exclusão, além de perpetuar desigualdades estruturais, reforça invisibilizações que atravessam gerações. No mercado de cosméticos, observa-se um cenário amplamente conhecido e legitimado, no qual há uma evidente preferência pela produção de produtos destinados a peles brancas, consolidando hierarquizações, silenciamentos e opressões. Dessa forma, o discurso de Karen Bachini é utilizado como ponto de partida analítico, fornecendo subsídios para compreender as dinâmicas de poder, exclusão e resistência presentes nesse contexto.

Para fundamentar teoricamente o estudo, recorreremos às discussões sobre representações sociais de Moscovici (1979), que oferecem uma compreensão profunda de como determinadas ideologias se estruturam e se naturalizam no imaginário coletivo. Além disso, baseamo-nos também nos Estudos Críticos do Discurso, com ênfase na Análise do Discurso Crítica (ADC) da vertente britânica proposta por Fairclough (1989, 1995, 1997, 2003). Mais especificamente, utilizamos o modelo bidimensional de Fairclough (2003), que permite analisar o discurso a partir de suas dimensões interna e externa ao considerar tanto os significados presentes no próprio texto – como os identificados nas dimensões acional, representacional e identificacional – quanto às condições sociais, culturais e históricas que moldam o discurso. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais rica e contextualizada das práticas discursivas, refletindo as interações entre linguagem, poder e ideologia.

Ao aplicar esse modelo, buscamos investigar como os discursos presentes no mercado de cosméticos e na formação de professores não apenas refletem, mas também reforçam ou contestam as desigualdades sociais e raciais. A análise proposta visa destacar o papel ativo do discurso na construção de identidades, nas relações de poder e na representação de realidades, contribuindo para a manutenção ou transformação de estruturas sociais excludentes.

Para atender aos objetivos propostos o texto está organizado em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais. Assim, em I) Análise do Discurso Crítica ; em seguida em II) Percurso metodológico e análise do discurso de Karen Bachini em seu vídeo "Carta aberta para a Mari Saad e Mascavo" e, por fim, em III) Reflexões sobre a formação de professores a partir do mercado de cosméticos e do letramento crítico-decolonial.

1 Análise do Discurso Crítica

É cada vez mais imprescindível questionar como determinadas práticas sociais e discursivas reforçam desigualdades históricas. Nesse sentido, a análise das representações sociais desempenha

um papel crucial na identificação e contestação dessas dinâmicas. As representações sociais, segundo Moscovici (1979), referem-se a construções coletivas que orientam a maneira como indivíduos e grupos percebem e se posicionam no mundo. Essas representações são responsáveis por naturalizar práticas sociais, incluindo aquelas que reforçam hierarquias raciais e culturais.

No mercado de cosméticos, as representações sociais de beleza e estética frequentemente perpetuam padrões eurocêtricos que excluem pessoas pretas, especialmente aquelas de pele retinta. Essa exclusão não apenas limita o acesso a produtos adequados, mas também reforça um imaginário social que desvaloriza características fenotípicas associadas à negritude. Compreender essas representações é essencial para desestabilizar práticas sociais e discursivas que legitimam e perpetuam o racismo estrutural, por exemplo. Dessa maneira, em uma tentativa de propor uma forma de desconstruir e reexistir tais práticas, recorreremos à Análise do Discurso Crítica (ADC).

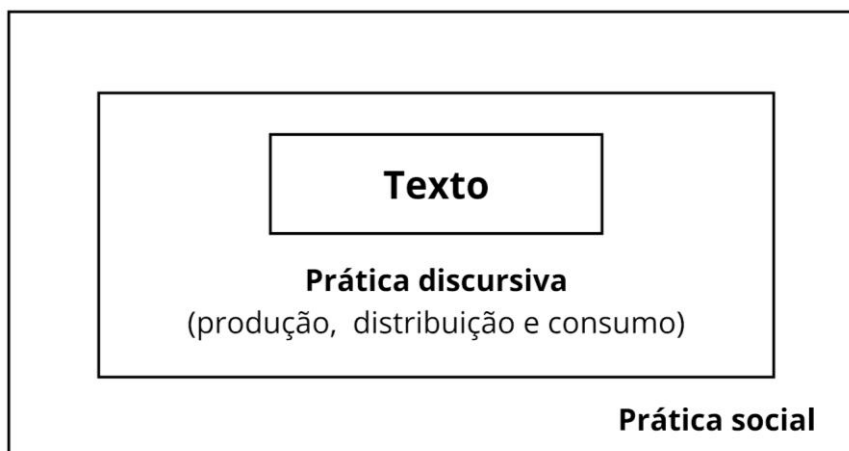
A ADC emergiu no final da década de 1980, consolidando-se como uma abordagem teórico-metodológica voltada aos estudos da linguagem e do discurso, com um viés crítico. Sua proposta dialoga profundamente com as ciências sociais e com as teorias linguísticas, especialmente a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994). Nesse sentido, a ADC pode ser vista como uma ferramenta inter/transdisciplinar de investigação, que examina a linguagem enquanto manifestação discursiva em práticas sociais com o objetivo de revelar os aspectos ocultos nos discursos que, por serem pouco evidentes, frequentemente contribuem para a subalternização de sujeitos sociais.

Sob essa perspectiva, Fairclough (1989, p.1) afirma que ADC “pretende aumentar a consciência de como a linguagem/discurso contribui para a dominação de umas pessoas sobre outras, já que essa consciência é o primeiro passo para a emancipação”. É próprio, portanto, desse campo de estudo o viés contestador, anti-hegemônico, transgressivo, refutador, já que a ADC considera o discurso como uma ferramenta de mudança social a partir da qual os indivíduos constroem e desconstroem variadas relações sociais, identitárias, de poder, transformando, assim, o mundo ao seu redor. O discurso é, portanto, a forma como sujeitos agem sobre o mundo e especialmente sobre outras pessoas (Fairclough, 2018 [2001]).

Na obra *Language and power*, de 1989, Fairclough apresenta uma proposta analítica de discurso, conhecida como modelo tridimensional de discurso, configurada como texto, interação e contexto. Nessa obra, o autor sinaliza que o texto é produto da produção social e o discurso se configura como prática social.

Esse modelo tridimensional proposto pelo linguista foi reformulado e reapresentado na obra *Discourse and social change* (1992), na qual Fairclough também traz a sua Teoria Social do Discurso, inter-relacionando três dimensões do discurso: o texto, a prática discursiva, a prática social, as quais atuam de forma integrada em um evento discursivo.

Figura 1: Concepção tridimensional do discurso em Fairclough (1992)



Fonte: Fairclough (2018 [2001], p.105).

A concepção tridimensional de discurso e análise apresentada por Fairclough reúne três pilares fundamentais para a ADC: a análise textual/linguística, a tradição macrossociológica que examina as práticas sociais em relação às estruturas sociais e a análise interpretativista ou microssociológica das práticas sociais produzidas por comunidades específicas. No que tange à análise textual/linguística, essa se desdobra em quatro categorias principais: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Além disso, Fairclough (2018 [2001]), influenciado pela abordagem funcionalista de Halliday (1978) e suas macrofunções textuais (ideacional, interpessoal e textual), propõe uma classificação própria baseada em três funções da linguagem: identitária, relacional e ideacional. No que se refere à prática discursiva, Fairclough (2018 [2001]) ressalta que estão envolvidos processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo de textos. Esses processos variam de acordo com os diferentes tipos de discurso e os fatores sociais que os moldam.

Por outro lado, a análise da prática social centra-se nos aspectos ideológicos e hegemônicos dos discursos. No âmbito ideológico, examinam-se os significados atribuídos a palavras, metáforas, preposições e estilos discursivos. Já na esfera hegemônica, analisam-se as orientações das práticas sociais, considerando dimensões econômicas, políticas, ideológicas e culturais.

Em *Analysing Discourse: textual analysis for social research* (2003), Fairclough aprofunda o diálogo entre a ADC e a Linguística Sistemico-Funcional de Halliday (1994), reformulando o modelo tridimensional para uma abordagem bidimensional, que integra as análises interna e externa do discurso. Fairclough articula as funções da linguagem que desenvolveu em 1992 – ideacional, identitária, relacional e textual, inspiradas nas macrofunções de Halliday – com os conceitos de gênero, discurso e estilo de Bakhtin. Ele sugere três tipos de significados que atuam simultaneamente no discurso: acional, representacional e identificacional.

Esses significados refletem as formas pelas quais o discurso opera nas práticas sociais: como modos de agir (gêneros), modos de representar (discursos) e modos de ser (estilos). O significado acional, associado aos gêneros, foca no texto como meio de interação social, evidenciando as relações de poder e ação mútua. O significado representacional, ligado aos discursos, aborda como os textos representam aspectos do mundo e os atores sociais. Por fim, o significado identificacional, relacionado ao estilo, trata da construção e negociação de identidades sociais no discurso, como raça,

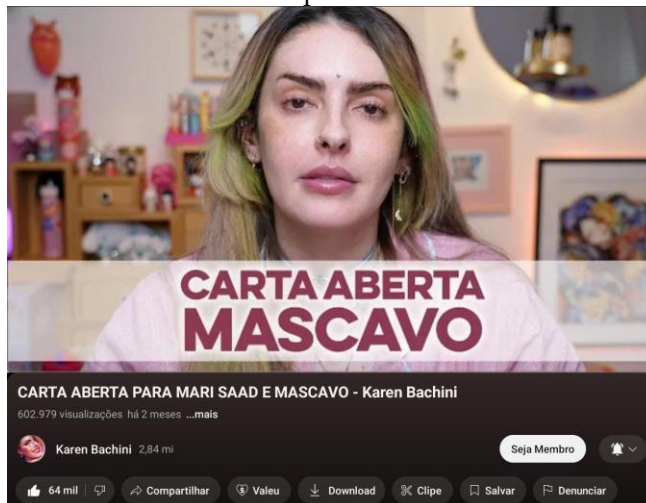
gênero e classe.

Assim, Fairclough destaca o papel central do discurso na ação, representação e construção de identidades dentro das práticas sociais. Com base nesse entendimento, este artigo analisa o discurso de Karen Bachini utilizando o modelo bidimensional proposto por Fairclough (2003). No caso específico do vídeo de Karen Bachini, essas dimensões permitem compreender como o mercado de cosméticos, ao marginalizar corpos racializados, perpetua práticas de exclusão, mas também abre espaço para resistências e questionamentos.

2 Percurso metodológico e análise do discurso de Karen Bachini em seu vídeo “Carta aberta para a Mari Saad e Mascavo”

A metodologia deste artigo insere-se no campo da Linguística Aplicada, com uma abordagem qualitativa de natureza interpretativista. Fundamentamo-nos na Análise do Discurso Crítica, conforme a vertente britânica proposta por Fairclough (1989, 1995, 1997, 2003). Como argumentam Bortoni-Ricardo (2008) e Moita-Lopes (1994), a pesquisa interpretativista reconhece que a interpretação do mundo está intrinsecamente ligada às práticas sociais e aos significados nelas presentes. O *corpus* de análise é composto pela transcrição de um vídeo da youtuber Karen Bachini, no qual ela aborda a falta de inclusão racial na linha de maquiagem "Mascavo", lançada por Mari Saad, como podemos ver na figura 2.

Figura 2: Capa do vídeo “Carta aberta para Mari Saad e Mascavo - Karen Bachini”



Fonte: <https://youtu.be/9aLXBqs9704?si=U7vMIHIpXLxcXow->

A análise será desenvolvida com base nos três tipos de significados do discurso propostos por Fairclough (2003): acional, representacional e identificacional. Esses conceitos mostram como as práticas discursivas não apenas representam a realidade, mas também influenciam e transformam práticas sociais, desempenhando um papel essencial na problematização de preconceitos e desigualdades estruturais, especialmente no contexto do mercado de cosméticos. O quadro a seguir organiza os significados discursivos, práticas discursivas e práticas sociais, ilustrando como essas

dimensões se manifestam no discurso de Karen Bachini. Essa abordagem facilita a compreensão das estratégias discursivas empregadas pela youtuber e de como elas promovem reflexões sobre racismo estrutural e exclusão social no setor. Posteriormente, a análise detalhada aprofundará essas relações, destacando como cada categoria contribui para a denúncia e para o debate crítico sobre questões de representatividade e inclusão no mercado de cosméticos.

Quadro 1: Categorias analíticas

Significados	Prática discursivas	Práticas sociais	Exemplos
Acional	Discursos operam como modos de ação social	Modos de agir (gêneros) Vlog utilizado como uma ferramenta de denúncia, engajamento social e mobilização de audiências	-aborda a exclusão racial -chamado à responsabilidade das marcas; -o incentivo a discussão sobre inclusão e representatividade.
Representacional	Como a realidade é representada por meio da linguagem	Modos de representar (discurso) Crítica às desigualdades estruturais e desnaturalização da exclusão	-“já teve um dia que você se sentiu que você não foi incluído” -“falta de pertencimento” -“as marcas ainda ignoram uma grande parcela da população brasileira”
Identificacional	Como o discurso constroi identidades e posições sociais	Modos de ser (estilo): Fortalecimento de identidades marginalizadas e responsabilização institucional	- “existe um problema social mesmo que exclui essas pessoas de tantas coisas”

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação ao significado acional, essa dimensão analisa como os discursos operam como modos de ação social. A questão central é: Como a linguagem é usada para agir em situações específicas? No caso do vídeo da youtuber Karen Bachini, o gênero discursivo do vlog, que diz respeito ao modo de agir, é explorado como uma ferramenta de denúncia. Nesse contexto, o vlog opera como um espaço de engajamento social, onde o discurso é utilizado para expor problemáticas, provocar reflexões e mobilizar mudanças. Ao abordar a exclusão racial na linha de maquiagem "Mascavo", o vídeo cumpre a função de amplificar vozes marginalizadas e questionar práticas de mercado que desconsideram a diversidade.

O formato de carta aberta utilizado por Bachini no vlog não só denuncia o apagamento de

peças pretas, especialmente de pele retintas, mas também age como um chamado à responsabilidade das marcas, incentivando a discussão pública sobre inclusão e representatividade, além de contribuir também para a mobilização de audiências para ações concretas (ex.: boicote, escolhas de consumo mais conscientes). Assim, o gênero vlog transcende o entretenimento e assume um papel ativista, promovendo a problematização de práticas sociais e culturais que perpetuam preconceitos.

No que concerne ao significado representacional, esse tipo de significado foca em como a realidade é representada por meio da linguagem, analisando os discursos ativados para construir essas representações. No vídeo de Karen Bachini, as escolhas linguísticas feitas pela youtuber revelam a crítica à exclusão racial e ao apagamento de pessoas com tons de pele mais escuros na linha de maquiagem "Mascavo". Bachini utiliza estratégias discursivas que evidenciam a desigualdade representacional, questionando práticas que reforçam padrões estéticos limitados que não apenas representam a exclusão, mas também desestabilizam a naturalização dessas desigualdades no mercado de cosméticos, ampliando a consciência coletiva.

Uma das falas de Karen Bachini que exemplifica essa dimensão é:

"Eu tenho certeza que todo mundo que tá assistindo já teve um dia que você se sentiu que você não foi incluído em alguma coisa [...] Isso gera um sentimento muito ruim de frustração de falta de pertencimento."

Esta fala desenvolve uma narrativa em torno do sentimento de exclusão, usando experiências universais para criar empatia. O discurso reforça a ideia de pertencimento como uma necessidade humana fundamental, que é negada em contextos de racismo estrutural.

Outra fala relevante é:

"Essa linha de maquiagem não foi pensada para incluir todos os tons de pele, e isso mostra como as marcas ainda ignoram uma grande parcela da população brasileira."

Aqui, o discurso destaca a falta de representatividade e denuncia a perpetuação de um padrão de beleza restrito, evidenciando um apagamento simbólico.

"Como uma marca que se propõe a falar sobre diversidade consegue lançar uma linha que não atende pessoas com pele mais escura?"

Esse questionamento ativa discursos sobre responsabilidade social e inclusão, confrontando práticas do mercado que negligenciam a diversidade racial do Brasil. Por fim, no que se refere ao significado identificador, essa dimensão aborda como o discurso constrói identidades e posições sociais. O estilo discursivo revela valores, crenças e pertencimentos.

No vídeo de Karen Bachini, o significado identitário pode ser observado em torno do momento 4:00, quando ela discute a exclusão de pessoas negras e retintas do mercado de cosméticos, destacando como a falta de inclusão nos tons de pele nos produtos de maquiagem pode contribuir para a construção de uma identidade marginalizada. Ela menciona como essas exclusões reforçam a ideia de que certas pessoas "não pertencem" ou são invisibilizadas, o que se conecta com a

construção de identidades sociais estigmatizadas. Um exemplo disso pode ser observado no trecho:

“já teve um dia que você se sentiu que...você não foi incluído em alguma coisa, seja um dia que você sobrou por último na educação física sabe que ninguém te escolheu e você foi aquele último que completou algum grupo ali”

É nesse momento que podemos observar como se dá a construção de identidade, pois, embora a autora do vídeo não vivencie diretamente a violência velada sofrida por pessoas negras, ela consegue captar essas experiências por meio de vivências que considera semelhantes às de uma pessoa que enfrenta situações de inferioridade devido a cor de sua pele. Nesse sentido, ela consegue atingir o ponto central de sua denúncia, aproximando-se de um estilo que dialoga com seu público-alvo, mesmo que este não seja composto exclusivamente por pessoas negras.

Quando ela faz esse levantamento identificacional, partindo do pressuposto de que ela não é uma pessoa de pele escura, mas que, a partir de um letramento racial, ela consegue entender como essa invisibilização em curso propaga tal discurso que marginaliza, seu estilo ao se comunicar traduz ou leva a reflexão sobre como esses que são marginalizados pertencem sempre a pessoas de um tom de pele, nesse caso, com tons de pele mais escuros, vejamos aqui neste outro trecho:

“sentimentos que a gente sente [...] eles são bem tristes mas eles não chegam nem 1% perto do sentimento de uma pessoa preta [...] ver que ela não pertence a um rolê porque você provavelmente não foi chamado ou se sentiu excluído por algum motivo mas quando a gente tá falando aqui de pessoas pretas retintas de pele mais [...] escura o buraco é muito mais embaixo”

O que a autora do vídeo propõe é que há um apagamento em curso de uma comunidade ou grupo de pessoas que fazem parte dessa cultura ligada a maquiagens, produtos de beleza e etc. Para ela, não há dúvidas de que se trata de racismo estrutural, uma vez que a linha de produtos não lançou os produtos de tons mais escuros e deu a desculpa de que seriam lançados a posteriori, pois, segundo a marca, houve um atraso na entrega o que culminou no lançamento sem os outros tons.

A autora do vídeo, mesmo sem revelar de forma clara, parece propor que, talvez, se fosse ao contrário, se os produtos de pele de tons mais claros tivessem sofrido com esses mesmos atrasos, o lançamento não teria acontecido. É nesse ponto que ela sugere ser um problema maior, como podemos ver no trecho:

“Porque existe um racismo [...] existe um problema social mesmo que exclui essas pessoas de tantas coisas e essas pessoas [...] elas já estão acostumadas a serem e excluídas então para muitas delas é só mais uma exclusão”

Mesmo que ela não pertença a esse grupo invisibilizado, ela consegue identificar a problemática de forma clara. Ela entende que pessoas que trabalham com esses produtos terão mais dificuldade de utilizar essa marca e, se tratando de youtubers negras, não conseguirão fazer vídeos com essa marca que em alguma medida as exclui e que não é a única no mercado, como já mencionado nessa análise.

Ao olhar para esse panorama, não há necessidade de pertencer a essa comunidade de produtos de beleza e youtubers para entender que se tem uma situação de racismo estrutural em pleno

andamento e que não se trata de um caso isolado, e muito menos seja apenas nesse núcleo social que tais práticas se perpetuem. Existe, como podemos observar, o enfrentamento de uma pessoa que está inserida nessa comunidade e que consegue enxergar, a partir de suas experiências, do que se trata essa situação.

Faz-se necessário cada vez mais sujeitos que, inseridos nessas comunidades, possam reconhecer essas práticas e enfrentá-las. Para isso, precisamos de uma educação cada vez mais libertadora, que ajude os alunos a reconhecerem mais esses discursos e como sujeitos ativos e críticos enfrentar as situações em que esses discursos são praticados. Para tanto, existe a necessidade de haver mais professores engajados nessas discussões e que possam ensinar os seus alunos a combater o que é hoje, para a sociedade brasileira, crime. É papel do professor discutir em sala de aula as temáticas que levem seus alunos a serem sujeitos críticos, reflexivos e possam mudar sua realidade e de sua comunidade como a autora do vídeo está fazendo.

No próximo tópico iremos apresentar um pouco sobre as reflexões acerca da formação de professores partindo das discussões que foram feitas sobre o mercado de cosméticos para adentrar as questões de letramento crítico-decolonial e sua importância para a formação de uma sociedade muito mais engajada na igualdade racial dentre outras frentes de enfrentamento e lutas por direitos.

4 Reflexões sobre a formação de professores a partir do mercado de cosméticos e do letramento crítico-decolonial

O mercado de cosméticos, marcado pela invisibilização de peles e traços de grupos racializados, reflete um padrão de exclusão que também se manifesta na educação, especialmente na formação de professores. A ausência de produtos destinados a peles negras ou de representatividade em campanhas publicitárias evidencia como certas identidades são sistematicamente marginalizadas, reforçando estereótipos e negando a pluralidade de experiências humanas. Da mesma forma, currículos e práticas pedagógicas frequentemente desconsideram as vivências, histórias e saberes de sujeitos racializados, perpetuando estruturas de exclusão.

Nesse contexto, a perspectiva do letramento crítico-decolonial emerge como uma resposta. Segundo Kleiman (2009), a escola, enquanto agência de letramentos, tem a responsabilidade de ir além do desenvolvimento de habilidades técnicas, promovendo a leitura e a escrita como instrumentos de participação ativa na sociedade e de sua transformação. Contudo, essa transformação só é possível a partir da criticidade. Como aponta Carbonieri (2016, p. 133), a criticidade permite enxergar além das normas e convenções coloniais, questionando as estruturas de dominação legitimadas pelas ideologias dos grupos no poder.

Carbonieri (2016) descreve o letramento crítico como uma prática descolonizadora que interrompe a colonialidade ao criticar discursos e narrativas hegemônicas que propagam ideias de opressão e segregação. Essa abordagem dialoga com os conceitos do grupo modernidade/colonialidade, que propõe a decolonialidade como um movimento de reexistência, valorizando formas alternativas de saber e ser, e promovendo a visibilidade e o reconhecimento de vozes historicamente silenciadas.

Com base nessa perspectiva, o conceito de letramento crítico-decolonial amplia a prática do letramento crítico ao enfatizar não apenas a crítica das representações dominantes, mas também o

reconhecimento e validação dos saberes e vozes marginalizadas. Essa abordagem busca promover uma educação crítico-reflexiva e libertária que reflete a diversidade cultural e epistemológica de comunidades marginalizadas, como indígenas, ribeirinhas, quilombolas e negros

O letramento crítico-decolonial capacita os educandos a desenvolver uma consciência crítica sobre sua língua, história e cultura, permitindo-lhes questionar e desconstruir estereótipos e narrativas hegemônicas que os colocam à margem. Ao mesmo tempo, promove a valorização dos saberes locais e o empoderamento linguístico-identitário, possibilitando que alunos e alunas não apenas reconheçam, mas celebrem suas identidades culturais.

Com isso, tal abordagem implica repensar não apenas os conteúdos, mas também as metodologias utilizadas, de forma a possibilitar que professores em formação reconheçam e valorizem as identidades de seus alunos. Nesse sentido, o letramento crítico-decolonial oferece ferramentas para desconstruir narrativas eurocêntricas e hegemônicas, incentivando práticas educativas transformadoras, que atuem como resistência às estruturas coloniais ainda presentes tanto na educação quanto em outros campos sociais.

A seguir, apresentamos um quadro com conteúdos e metodologias alinhados ao letramento crítico-decolonial, que podem ser aplicados durante a formação de professores.

Quadro 2: Proposta para o letramento crítico-decolonial

Proposta para o letramento crítico-decolonial	
Conteúdos	Metodologias
História e impacto do racismo estrutural na educação: Análise de como o racismo estrutural molda práticas escolares e currículos.	Estudo de casos educacionais: Análise crítica de situações reais envolvendo discriminação e exclusão na escola.
Legislação antirracista na educação: Estudo da Lei 10.639/03 e outras normativas voltadas para a inclusão racial.	Debates e reflexões coletivas: Discussões sobre a aplicação das leis e os desafios de sua implementação.
Teorias decoloniais aplicadas à educação: Conceitos de colonialidade, decolonialidade e reexistência no contexto escolar.	Oficinas práticas: Planejamento de aulas e projetos baseados no letramento crítico-decolonial.
Diversidade cultural e identitária no Brasil: Saberes, línguas e práticas de comunidades racializadas, como indígenas e quilombolas.	Vivências formativas: Atividades de imersão em comunidades locais para compreender suas realidades.
Representatividade na literatura e nos materiais didáticos: Análise de autores racializados e narrativas não hegemônicas.	Revisão crítica de materiais didáticos: Identificação de estereótipos e construção de propostas alternativas.
Análise crítica de discursos midiáticos e educacionais: Reflexão sobre como a mídia e o currículo perpetuam ou combatem o racismo.	Produção de materiais antirracistas: Criação de recursos pedagógicos que valorizem a diversidade e combatam preconceitos.

Práticas pedagógicas inclusivas: Estratégias de ensino que reconheçam e celebrem as identidades culturais dos estudantes.	Dinâmicas de planejamento colaborativo: Construção conjunta de planos de aula que promovam a equidade racial.
--	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Este quadro, com seus conteúdos e metodologias baseados no letramento crítico-decolonial, oferece uma sugestão de como a formação de professores pode ser estruturada para promover a conscientização sobre o racismo estrutural e a valorização das identidades culturais. Ao propor conteúdos e abordagens pedagógicas que incentivam a reflexão crítica e a ação transformadora, ele contribui para o desenvolvimento da criticidade necessária para desconstruir práticas eurocêntricas e hegemônicas. Vale dizer que essas práticas pedagógicas podem ser adaptadas e ampliadas conforme as necessidades de cada contexto educacional, sempre com o objetivo de fortalecer o letramento crítico-decolonial, e, assim, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Considerações finais

Ao analisar as questões à luz da Análise Crítica do Discurso, com base no modelo bidimensional de Fairclough (2003), e percorrendo o caminho desde a análise do vídeo até as reflexões sobre a formação de professores, torna-se evidente a urgência de repensar as grades curriculares, incorporando disciplinas que abordem de forma crítica questões como o racismo e outras mazelas sociais.

A formação de professores é essencial para mudanças significativas, pois a sala de aula é o espaço central para transformações que impactam toda a sociedade. O exemplo da YouTuber Karen Bachini ilustra a importância de integrar discussões sobre desigualdades e apagamentos à formação do indivíduo, promovendo cidadãos críticos e reflexivos em uma sociedade plural e diversa, como preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse tipo de formação ajuda a romper com a naturalização de injustiças e violências, como demonstrado pela postura de Karen ao buscar, através de seu posicionamento, combater o apagamento de pessoas negras.

Com isso, este estudo defende o trabalho com o letramento crítico-decolonial nos cursos de graduação e, conseqüentemente, nas salas de aula. Apesar dos avanços conquistados por movimentos sociais, práticas de silenciamento e violência ainda persistem. Essa realidade reflete a falta de compromisso efetivo com o enfrentamento dessas questões, tanto no âmbito legislativo quanto no educacional.

Por fim, o combate ao racismo e a outras formas de violência exige esforço contínuo. Reforçamos ainda a necessidade de diálogo e ação para enfrentar essas problemáticas, promovendo uma reformulação curricular que forme professores críticos e engajados. Somente assim será possível construir uma educação que prepare cidadãos para combater injustiças e promover equidade em uma sociedade plural.

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador*. São Paulo: Parábola, 2008.

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018
- CARBONIERI, D. Descolonizando o Ensino de Literaturas de Língua Inglesa. In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. (org.). *Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2016, p. 121-142.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. New York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. L. Language, ideology and power. In: FAIRCLOUGH, N. L. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. Edinburg: Pearson, 1995. pp. 21-84.
- FAIRCLOUGH, N. L. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. R. (Org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997. p. 77-103.
- FAIRCLOUGH, N. L. *Analyzing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- KLEIMAN, A. B. Projetos de Letramento na Educação Infantil. *Revista Caminhos em Linguística Aplicada*, Taubaté, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unitau.br/caminhoslinguistica/article/view/898>.
- MOITA LOPES, L. P da. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *Revista Delta*, v. 1, n. 2, 1994.
- MOSCOVICI, S. *La representación social: un concepto perdido*. El Psicoanálisis, su imagen y su público, v. 2, 1979.